

PA LES TRA

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

ADRIANO CODATO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

09/03/2020

Realização:

Centro de
Formação, Treinamento
e Aperfeiçoamento



POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

O SR. COORDENADOR (FABIANO PERUZZO SCHWARTZ) - Bom dia a todos e a todas, sejam bem-vindos à aula inaugural do nosso primeiro semestre de 2020. Para quem não me conhece, meu nome é Fabiano e estou atualmente à frente do Programa de Pós-Graduação da Câmara dos Deputados.

(...) Dando sequência à nossa aula magna, dentro desse objetivo de inclusão de novas vozes na política brasileira, eu tenho grande honra em convidar o Prof. Dr. Adriano Codato, o qual apresento formalmente. Ele é Professor em Ciência Política na Universidade Federal do Paraná. Foi Editor-Chefe da *Revista de Sociologia e Política* e dirige o Observatório de Elites Políticas e Sociais do Brasil, na Universidade Federal do Paraná. É pesquisador 1D do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e é Coordenador Adjunto da área de Ciência Política e Relações Internacionais para os cursos acadêmicos.

O Prof. Adriano Codato vem nos brindar com esta aula, cujo título é *Políticos outsiders na Câmara dos Deputados: trajetória de carreiras e capitais sociais*. Professor, é uma grande honra! Seja bem-vindo! A palavra é sua. Obrigado por ter aceitado o nosso convite. (Palmas.)

O SR. ADRIANO CODATO - Bom dia a todas e a todos. Em primeiro lugar, eu queria agradecer o convite. Para mim, é uma honra falar aqui no CEFOR. É muito interessante aproximar a área acadêmica da área aplicada nesta nossa grande área de pesquisa: a ciência política.

Para mim, é uma honra não só esta oportunidade de mostrar para vocês as pesquisas que nós temos feito no Observatório de Elites mas também de ouvir vocês sobre este tipo de pesquisa. Eu já vou projetar aqui a minha apresentação, aguardem só um momento.

(Segue-se exibição de imagens.)

Políticos outsiders na Câmara dos Deputados é uma pesquisa que nós começamos a fazer agora em dezembro. Eu vou apresentar esses dados ao final, mas, antes disso, eu vou apresentar uma pesquisa que nós já fizemos em que classificamos os políticos brasileiros por ideologia, segundo os partidos, e aplicamos essa classificação ideológica aos políticos *outsiders*. E aí nós temos um modelo de classificação de *outsiders*, que eu vou apresentar também, e a minha expectativa é ouvir vocês e conversar com vocês sobre isso.

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Nas pesquisas que nós fazemos, os políticos — enfim, pessoas que vocês veem, com quem vocês convivem, que vocês assessoram e estudam —, para nós, são uma linha numa planilha de dados.

Numa planilha de eleitos de 1998 a 2018, são 3 mil linhas; nesta dos políticos *outsiders*, são 4 milhões de linhas. Mas são só linhas na planilha, e é assim que eu vou tratá-los. Quer dizer, eu vou apresentar aqui uma estatística descritiva dessa população de políticos profissionais, Deputados da Câmara dos Deputados, e tentar mostrar para vocês essa pequena mudança na demografia da Câmara.

Eu começo com uma comparação sobre os processos de renovação da classe política no Brasil e na Itália e vou dar um formato bem de aula mesmo, de primeira aula mesmo, explicando aqui todos os passos, todas as decisões metodológicas que foram tomadas. Eu vou fazer uma revisão brevíssima da literatura brasileira e internacional sobre estudos de políticos profissionais, propor aqui um modelo para a classificação ideológica dos partidos no Brasil — dos 35 —, mostrar como esta classificação se dá e aplicá-la à classe política brasileira para identificar algumas transformações, tanto em ocupações, quanto em classes etárias.

Eu lembrei, então, que eu deveria ter incluído uma variável também, que era o sexo, mas, enfim, não o fizemos, na próxima eu incluirei essa variável. E isso diz muito também sobre a postura que nós, homens, temos diante da ciência inclusive, porque esta variável — às vezes ou muitas vezes — nos escapa. Por fim, eu vou terminar com um modelo para análise de *outsiders*, uma conceituação de *outsiders*.

Vou apresentar aqui uma comparação entre Brasil e Itália — os dois países conhecem um processo importante de ascensão da Direita populista —, para tentar entender onde e como isso pode ser verificado, principalmente em relação à idade média dos membros do Parlamento, que no Brasil permanece constante, enquanto na Itália diminui muito, e à taxa de políticos profissionais, que no Brasil permanece constante, enquanto na Itália diminui muito.

Eu apresentarei a estatística descritiva logo a seguir.

Então, a pergunta fundamental desta aula é: como medir a mudança no Brasil olhando apenas para sua classe política

Do lado direito do eslaide, trago a estatística de um trabalho recente, publicado em um livro, sobre as eleições gerais italianas de 2018. Vocês veem uma transformação importante de gênero — quase dobra a representação de gênero na Itália. Há um decréscimo da média de idade dos membros do Parlamento. Esse decréscimo é

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

importantíssimo, porque é de quase 10 anos na média, quer dizer, há uma renovação inclusive geracional do Parlamento. Houve ainda uma diminuição de políticos profissionais, daqueles autodeclarados políticos profissionais, de 21% para 5%.

Já no Brasil, os dados são das legislaturas de 1999 até hoje, mas a última vez que nós os coletamos foi em 2019. Vocês veem o aumento do número de mulheres — quase triplica, mas ainda é muito baixo. Na estatística sobre taxa de mulheres nas câmaras baixas do mundo, o Brasil é mais ou menos o centésimo. A idade aqui varia pouco, em torno de 50,5 anos, que é a idade média dos membros do Parlamento. Quanto ao número de políticos profissionais, com base na declaração que os candidatos dão ao Tribunal Superior Eleitoral quando registram as candidaturas — ou quando os partidos ou os procuradores dos partidos vão registrar as candidaturas —, e há um campo na ficha em que se declara qual é a ocupação, houve um crescimento.

Então, apesar de os dois países conhecerem o mesmo movimento de ascensão da Direita populista no Executivo e no Legislativo, no Brasil a demografia da classe política muda muito pouco e na Itália muda bastante. Como aqui ela muda muito pouco, eu acho que nós temos que recategorizar esses dados, pensar esses dados com base em outras variáveis e em outras categorias dentro dessas variáveis, para tentarmos entender a mudança política no Brasil que todo mundo percebe e através da mudança da classe política, que, por esses dados, não surge.

Basicamente, na literatura brasileira e na literatura estrangeira sobre políticos profissionais, existem quatro grandes teses, quatro grandes modos de ver a transformação da classe política no século XX. Na passagem do século XIX para o século XX e do século XX para o século XXI, surgiram quatro grandes teses na literatura. A primeira tese, e a mais importante, que está presente principalmente nos estudos comparados dos Parlamentos europeus, é a da convergência, que é a tendência à diminuição da distância de origem social entre os representantes dos diferentes campos ideológicos. Isso significa o seguinte: analisando todos os partidos, por exemplo, dos Parlamentos da Itália, da França, da Espanha, de Portugal, dos países da Europa Ocidental, há uma tendência clara de homogeneidade e uniformidade das bases sociais dos partidos ou da representação social — mais do que da base social — dos partidos nos Parlamentos. Então, qual é o perfil típico do político profissional na Europa Ocidental?

É o do homem branco e de meia-idade, em torno dos 50 anos. Isso vale para todos os agrupamentos ideológicos, da Esquerda à Direita, da extrema-esquerda à extrema-direita. Então, há uma convergência social.

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

É importante esse movimento do século XX, que se acelerou depois da segunda metade do século XX, porque partidos de base aristocrática, partidos de políticos aristocráticos, partidos de direita eram muito diferentes de partidos de esquerda. Partidos de esquerda recrutavam sindicalistas, partidos de direita recrutavam empresários ou aristocratas. E houve, ao longo do século XX, basicamente na segunda metade, uma convergência para um padrão único.

Por outro lado, o cientista político brasileiro Leôncio Martins Rodrigues, através dos seus estudos sobre os Deputados eleitos em 1998, em 2002 e, depois, em 2010, vai identificar um movimento diferente, de popularização da classe política brasileira. O que isso significa? Significa que, a partir de 1998 e de 2002 — isso é verificável também nas eleições de 2010 —, vai ocorrer a entrada de indivíduos de status social inferior àquele comumente verificado nas Casas Legislativas, especificamente na Câmara dos Deputados. Então, há um deslocamento das bases partidárias, da representação partidária, do topo para o meio da pirâmide social. Isso significa uma diminuição de empresários urbanos e rurais e o aumento de professores universitários, sindicalistas, bancários. Embora isso não seja majoritário, essa popularização da classe política significa a entrada de indivíduos oriundos das camadas médias. É um movimento novo no Brasil.

Convergência e popularização são duas teses diferentes. A tese da popularização está ligada também a uma tese mais geral, de diversificação. A diversificação aqui significa especificamente a perda de hegemonia de ocupações tradicionais nos Parlamentos, especificamente nas câmaras baixas, que dão lugar a novas ocupações sociais, novas ocupações profissionais.

Quando consideramos a sociografia, por exemplo, da Câmara dos Deputados nos Estados Unidos, verificamos uma taxa muito grande de formados em direito, que chega a 40%. A maior taxa em todas as Câmaras dos Deputados é a de formados em direito, entre aspas, “advogados”. Para vocês terem uma ideia, na Alemanha e na França, a maior taxa é de funcionários públicos, gente que teve uma formação de funcionário público. Em países do Leste Europeu, ela é de professores, de origem social. Depois que se entra na política, é claro, há outro processo de socialização.

Então, a tese da diversificação aponta para o que está ocorrendo, que é uma heterogeneidade social da classe política e a entrada de novas ocupações. Há uma fragmentação de ocupações. Ela é ligeiramente diferente da tese da popularização, em que há uma diversificação de ocupações, e não necessariamente de ocupações de nível

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

médio ou de extração social média.

Já a tese da popularização diz o seguinte: “Com a eleição do PT, em 2002, à Presidência da República, carregou-se muita gente, principalmente sindicalistas”. Isso mudou a demografia do Parlamento no Brasil. Outra tese da diversificação diz o seguinte: “Muda a demografia, mas não necessariamente para camadas médias”. Continuam sendo majoritárias profissões mais ou menos de elite, que são engenheiros, médicos, advogados – ressaltado que advogados estão perdendo espaço.

E a quarta tese presente nessa literatura – estou falando aqui de uma grande quantidade de artigos, que estou reduzindo a quatro grandes interpretações –, é a da profissionalização da classe política, medida pelo aumento da reeleição dos representantes, ou seja, o aumento do carreirismo especificamente legislativo, mas também pela proeminência cada vez maior de insumos políticos em detrimento de insumos sociais como critério para o recrutamento de elites parlamentares. Então, tem cada vez mais importância para o político profissional a militância associativa ou no partido, o tempo de carreira prévia do que riqueza, bens de fortuna e notabilidade social.

Essas quatro teses convivem, explicam um pouco a situação, mas não dão conta de um fenômeno importante, que é a entrada de outsiders no Parlamento.

Eu vou fazer aqui, então, uma grande volta, dar uma aula mesmo, para chegar à questão da entrada dos *outsiders*, e ver se conseguimos, enfim, encaixar uma quinta tese para entender esse movimento, que não é só brasileiro, mas principalmente das democracias ocidentais.

O que eu vou apresentar aqui é a sociografia dos Deputados Federais eleitos entre 1998 e 2018, a partir de dados de candidaturas recolhidos do Tribunal Superior Eleitoral.

Aqui nós temos um gráfico muito simples de frequências de profissões de Deputados eleitos ao longo do tempo, a partir de autodeclaração de ocupação. Na linha roxa, vocês verificam a grande diminuição de trabalhadores, e são trabalhadores manuais, trabalhadores do setor de serviços, em função também da mudança de recrutamento do Partido dos Trabalhadores, que teve grandes bancadas a partir de 2002. Nas legislaturas que começam em 2003, o PT profissionaliza a sua representação política. O carreirismo político é cada vez mais importante em relação à extração social.

A linha referente a empresários, urbanos e rurais, mantém-se constante. Lembro que se trata de autodeclaração. Se cruzarmos CPF com CNPJ de empresas, vamos ver que o Brasil tem a maior taxa de empresários entre os Parlamentos. Uma pesquisadora da Universidade Federal do Paraná está fazendo uma dissertação de mestrado em que

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

procura verificar quantos Deputados da última legislatura tinham empresas em seu nome, ou eram acionistas, ou participavam, mesmo numa fração muito minoritária, de empresas. Isso representa mais de 60%. Não existe Parlamento com esse tipo de demografia. Mas, quando consideramos a autodeclaração, temos este dado da linha marrom.

Na linha amarela, que diz respeito a outras profissões, são basicamente profissões liberais, como médicos, engenheiros, advogados, diferentemente das profissões manuais representadas na linha roxa.

Há ainda essa inflexão importante, a linha vermelha, com cada vez mais políticos profissionais, ou seja, cada vez mais Deputados se declaram políticos profissionais, o que é também um dado interessante em virtude do baixo prestígio que ser político profissional representa em eleição.

Então, por esse gráfico, estaríamos constatando a quarta tese, a da profissionalização. Não há tanta diversificação social, ou seja, se considerarmos duas classes básicas, empresários e trabalhadores, o percentual de empresários permanece constante e o de trabalhadores diminui bastante, mas já era muito pequeno. Então, não há muita diversificação, não há popularização; há mais convergência e há mais profissionalização.

Agora vamos olhar o dado que está agregado por partido político.

Aqui nós temos uma dificuldade, a de como classificar ideologicamente 35 partidos políticos, inclusive aqueles que não têm representação parlamentar. Poderíamos classificar por governismo ou não governismo, por alinhamento ao Governo, por votação, mas há partido que não tem representação. No nosso modelo, temos que classificar esses partidos. Partimos da base de candidatos, que é uma base bastante grande. Então, entram todos os partidos.

Portanto, o que nós fizemos? Nós, do Observatório de Elites da Universidade Federal do Paraná, em associação com outro grupo de pesquisa, o Laboratório de Partidos e Sistemas Partidários, escrevemos um trabalho em que propomos um esquema teórico de classificação ideológica dos partidos no Brasil, supondo que isso seja aplicável a todo mundo.

Há problemas, mas onde aplicamos isso? Aplicamos onde era possível aplicar, nos manifestos dos partidos, nos programas dos partidos. Então, isso não diz respeito a comportamento parlamentar, não diz respeito a discurso parlamentar, diz respeito a programas dos partidos. Temos que reduzir ao máximo o número de variáveis e de

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

categorias para conseguir classificar, conseguir ordenar esse universo de 35 partidos.

Então, supondo que esse modelo funcione, nós temos dois eixos aqui: o conservadorismo moral e o liberalismo econômico. A velha Direita, a Direita que vem da ditadura militar, dos grandes partidos da ditadura militar, herdeiros da ditadura militar — PFL depois DEM, PPB depois PP — e de partidos mais novos, mas que herdam esses políticos, se caracteriza pelo alto grau de conservadorismo moral e alto grau de liberalismo econômico. A nova Direita, essa Direita ultraliberal, essa Direita que é quase uma Direita anarquista e à qual chamamos de nova Direita, não tem esse eixo do conservadorismo moral, é muito liberal em relação a costumes — pensem aqui no programa, não exatamente no comportamento parlamentar, mas no programa de um partido como o NOVO, por exemplo —, e defende o liberalismo econômico. Na Esquerda, dizem “não” para conservadorismo moral e “não” para liberalismo econômico. E na nova Direita, há alguns partidos que, no momento que classificamos esses estatutos, esses programas dos partidos, dizem “sim” para conservadorismo moral, “não” para liberalismo econômico.

O que nós fizemos? Nós utilizamos uma metodologia de análise de conteúdo dos manifestos partidários. É uma metodologia internacional, a partir da classificação de quantas vezes esses temas aparecem nos partidos. E ordenamos aqui os partidos em termos de neoliberalismo, conservadorismo e uma média dessas coisas. É complicado classificar isso, inclusive porque os partidos mudam de estatuto e mudam de nome.

Como vocês sabem, no Brasil, até o passado é imprevisível. Nós temos que dar conta de partidos que se fundem, mudam de nome, mudam de estatuto e tal. Esse movimento foi muito mais rápido a partir de 2016, 2017 e 2018. A principal mudança de classificação foi do PSL, pelo seu estatuto. Há uma limitação nisto aqui: pegar o estatuto do partido, o programa original do partido e dizer que esse é o programa do partido, que o partido se orienta por isso. Por exemplo, o estatuto do PTB é de 1982; o do PMDB é mais antigo, acho que de 1979. Eu não sei se, quando mudou para MDB, mudou a documentação dessa parte. Não chegamos a analisar isso, porque a classificação deste trabalho foi feita em final de 2017, início de 2018.

Nós elaboramos todos os dados. Olhando para aquelas quatro teses, identificaríamos, nos Deputados Federais, uma mudança em direção à profissionalização e à homogeneidade social ou à convergência.

Por essa nossa classificação, resolvemos separar os dados em quatro famílias de partidos. O foco aqui é tentar entender as transformações principalmente no campo

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

da Direita, que é de onde vêm mais *outsiders*, como eu vou mostrar para vocês. A velha Direita é formada basicamente pelo PFL, DEM, PPB e PP. E vocês vejam como mudam de nome e se fundem: o PL aceitou o PRONA, virou PR e agora é PL de novo. Os partidos personalistas são os que chamamos comumente de partidos fisiológicos, mas, como é intraduzível para outra língua “partidos ideológicos *versus* partidos fisiológicos”, como “partidos fisiológicos” é difícil de explicar, nós os chamamos de personalistas ou oportunistas. Então, há uma velha Direita, uma Direita ideológica, partidos personalistas ou oportunistas, uma nova Direita e todo o outro grupo de centro e esquerda, onde estão o PSDB, o MDB, o PT.

Olhemos só para a estatística descritiva do número de cadeiras parlamentares dos partidos da Direita tradicional no Brasil entre 1998 e 2018. Vemos que ocorre uma queda da direita tradicional. Essa é a primeira conclusão, por uma estatística muito simples, que é quantas cadeiras tem esse tipo de partido – PL/PR, PPB/PP, PFL/DEM. Constam os nomes antigos porque estamos considerando desde 1998. A que vamos assistir? A um declínio constante da velha Direita, com uma queda que se interrompe em 2018, quando se estabilizam os dados em torno de 6,5% das cadeiras. Esse tipo de dado e classificação vai ser importante para depois nós entendermos a origem social, a origem profissional dos políticos.

Esse gráfico é feito com resíduos padronizados ajustados. Ele descreve, por eleição, o número de cadeiras por tipo de partido na Câmara. Resíduos padronizados ajustados mostram a diferença entre a frequência esperada e a frequência real e se há concentração ou não naquela célula da tabela. Acima do ponto crítico +1,96 e abaixo de -1,96, mostra que há uma concentração de casos acima do esperado. Então, o limite crítico é +1,96 e -1,96 – certo, professor?

(Intervenção fora do microfone.)

O SR. ADRIANO CODATO - Exatamente, com a taxa de 95% de confiança. Vejam o movimento do número de cadeiras, representado aqui por resíduos padronizados ajustados, dos partidos personalistas. Em ciências naturais, quando usamos resíduos padronizados ajustados, um resíduo positivo de 2,5 a 3 é altíssimo. Aqui vemos um resíduo de 17. É espetacular esse crescimento. Esse tipo de representação estatística do dado é melhor para mostrar crescimento Direita, as novas lideranças são radialistas, pastores, indivíduos com capital de notoriedade que vêm de fora da política. O político profissional, em preto, não sofre grande alteração. O gráfico mostra só se há alteração ou não há alteração. No Centro e na Esquerda ocorre uma alteração

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

importado que percentual, porque, como eles vão crescer de 5% para 12%, não parece tão dramático assim, mas, quando representamos em resíduos, sim. Então, quem mais cresce são os fisiológicos ou personalistas.

O cinza representa a nova Direita, que permanece muito constante. A velha Direita diminui, e principalmente o que diminui são os partidos de centro e os partidos de esquerda. Então, pela nossa classificação, não há exatamente um crescimento da nova ou da velha Direita, mas há um crescimento dos partidos fisiológicos ou personalistas. Essa explosão em 2018 se deve muito àquela transferência que fizemos do PSL, da velha Direita para o campo dos personalistas, uma transferência *ad hoc*.

Agora voltamos àquele tema da aula da sociografia dos políticos profissionais por ocupações. É possível ver os Deputados Federais por ocupação e tipo de partido: 98 a 18, em resíduos padronizados ajustados.

Agrupadas todas as eleições, vemos que o perfil da velha Direita é basicamente de empresários e novas lideranças. Como o limite é +1,98, não há uma variação muito grande. Essa variação de empresários nós podemos desprezar. Na nova Direita, as novas lideranças são radialistas, pastores, indivíduos com capital de notoriedade que vêm de fora da política. O político profissional, em preto, não sofre grande alteração. O gráfico mostra só se há alteração ou não há alteração. No Centro e na Esquerda ocorre uma alteração importado que percentual, porque, como eles vão crescer de 5% para 12%, não parece tão dramático assim, mas, quando representamos em resíduos, sim. Então, quem mais cresce são os fisiológicos ou personalistas.

ante em empresários, uma alteração importante em novas lideranças, com a presença de trabalhadores, principalmente em função do PT e do PCdoB. Então, o que está mudando, na verdade, é a nova Direita. ante em empresários, uma alteração importante em novas lideranças, com a presença de trabalhadores, principalmente em função do PT e do PCdoB. Então, o que está mudando, na verdade, é a nova Direita.

Agora veremos o mesmo cálculo, por ocupação e tipo de partido, mas só para 2018. O que chama atenção é a oposição entre Centro e Esquerda — formados pelos grandes partidos tradicionais — e os partidos personalistas. O preto representa o político profissional. O que está nas médias são os profissionais liberais. Na classificação do TSE, como há autodeclaração, vamos encontrar mais de 300 ocupações declaradas entre 1998 e 2018. Ocorre uma redução brutal dessa diversidade social em seis categorias.

Para os Deputados Federais, por ocupação, só em 2018, houve um movimento muito importante nos personalistas. Foi porque vimos neste gráfico que diminuiriam

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

demais os políticos profissionais e aumentaram muito os personalistas que abrimos esta nova agenda: vamos estudar, então, quem são os Deputados personalistas, a nova agenda dos *outsiders*.

Este gráfico documenta a dominância de políticos profissionais, mas também de outras profissões, no global. Houve 3.078 Deputados eleitos. Este gráfico é bem fácil de analisar.

Aqui temos a taxa de políticos profissionais por tipo de partido neste intervalo todo. A taxa de políticos profissionais de centro/esquerda é a linha de cima, a maior. No caso da velha direita, bem como no da nova direita, essa taxa permanece constante. Nos partidos personalistas, a taxa de políticos profissionais aumenta um pouco.

Olhando por partido só o ano de 2018, vemos que na taxa de políticos e de não políticos há uma diferença importante. Eu estou mostrando aqui, não como uma palestra, mas no estilo de uma aula mesmo, como é que fomos empurrados para essa agenda de estudo de *outsiders*, quer dizer, como foi surgindo essa questão nas nossas pesquisas sobre a sociografia da classe política brasileira. Então, vejam só: a tese da profissionalização, a tese da popularização, a tese da convergência e a tese da heterogeneidade, tomadas cada uma isoladamente, ou mesmo combinadas de maneira ad hoc, não dão conta de explicar o que está acontecendo com essa demografia. Partidos tradicionais têm políticos profissionais, e partidos não tradicionais não têm. Aqui se trata sempre de autodeclaração. O ideal seria cruzar a autodeclaração feita para o TSE com a ficha na Câmara dos Deputados, mas seria preciso coletar ficha por ficha e, às vezes, não há registro da profissão — esses casos são poucos, mas existem.

Outro dado interessante que dificulta bastante a classificação por ocupação é que os candidatos mudam a declaração de ocupação de eleição para eleição. Por exemplo, quando olhamos a declaração de ocupação do Bolsonaro, nela constam, da eleição de 1994 à eleição de 2014, cinco ocupações diferentes, entre elas funcionário público, militar e político profissional. Cito outro exemplo: um político profissional importante da velha direita, o Ronaldo Caiado, do Democratas, se registra como médico, não como político profissional, então ele entra no cômputo como profissional liberal. Esse é um limite da autodeclaração. Mas, nas fichas biográficas da Câmara, a declaração da ocupação também é espontânea. Há ainda um movimento interessante de pastores que passam a se declarar empresários. É curioso: quando passamos a olhar aquelas fichas biográficas da Câmara, vemos que há uma pequena diferença.

Bom, apresentei aqui as ocupações de candidatos por partido político e agora

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

vou apresentar as classes etárias, que é um bom *proxy* para demonstrar se está havendo renovação da classe política ou não. Analisando os dados dos Deputados Federais por classes de idade — eu vou deixar estes eslaides aqui para que depois vocês possam usá-los, então não é preciso anotar nem fotografar —, verificamos que o processo de renovação geracional da classe política brasileira está nos personalistas. Essa é, digamos assim, a principal conclusão aqui.

O outro gráfico, que é bem mais simples, mostra a média de idade. Vejam que importante é isto. Eu abri minha exposição mostrando que, na Itália, há uma diminuição importante na média de idade dos membros do Parlamento, dos Deputados, vamos chamar assim. No Brasil, essa média permanece constante, em torno de 50,5 anos. E em que partidos se renova geracionalmente? Nos personalistas.

Esta é a conclusão da primeira parte, deste primeiro ciclo de dados, que vai abrir essa outra agenda, que é a agenda dos *outsiders*: há uma estagnação na diminuição do número de Deputados da velha direita, segundo a nossa classificação; o tipo de partido que mais cresce é o personalista, e não os partidos da nova direita; os partidos personalistas ou fisiológicos são, em geral, partidos de aluguel para lideranças autoritárias; o perfil dos Deputados Federais eleitos em 2018 é constante, exceto no PSL, que foi o partido alugado nas eleições de 2018. Seria interessante verificar se essas tendências vão permanecer nas eleições municipais de 2020.

O passo futuro, que agora já é presente, é pesquisar o contingente de *outsiders* para entender esse processo de renovação e transformação do perfil da classe política brasileira.

O que nós fizemos? Eu pedi a um pesquisador nosso que reunisse numa base só todos os candidatos a todos os cargos eletivos no Brasil de 1994 a 2018 — isso dá 4 milhões de linhas —, para identificarmos quem se repete, quem muda de cargo, quem ambiciona outro tipo de cargo, quem foi eleito e nunca participou. Há um problema em começar pelos dados das eleições de 1994: quem estuda este assunto sabe que esses dados não são confiáveis, são incompletos; alguns dados estão em CSV, outros em TXT.

Enfim, isso gera uma confusão para quem trabalha com grandes massas de dados.

Então, a ideia era acompanhar os dados de 1994 a 2018, mas, como isso não foi possível, nós fizemos uma quebra na série e acompanhamos os dados de 2002 a 2018, categorizando os *outsiders* por tipos — estamos tomando agora apenas a população de candidatos e eleitos para Deputado Federal, levando em conta a carreira desses indivíduos, candidatos e eleitos.

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Na nossa classificação, o *outsider zero*, que não é um *outsider*, mas um *insider*, é o indivíduo que já foi eleito para a Câmara dos Deputados em algum momento, não importa por quantas legislaturas.

O *outsider 1* é o tipo puro, é o indivíduo sem experiência eleitoral, que nunca disputou uma eleição — então, ele nunca apareceu na base de dados —, nem para Prefeito, nem para Vereador, nem para nada. Ele apareceu só em 2018, quando foi eleito, pela primeira vez, para a Câmara.

O *outsider 2* — não demos um nome ainda para este *cluster* — é o indivíduo que foi eleito pela primeira vez em 2018 para a Câmara dos Deputados, mas que já havia disputado eleição para a própria Câmara e perdido sempre, independentemente do número de vezes, não tendo sido nunca Vereador, Prefeito, Deputado Estadual, Governador ou Senador.

O *outsider 3* — falta um nome ainda para este *cluster* — é o indivíduo que foi eleito pela primeira vez em 2018 para a Câmara, mas que já havia sido eleito no âmbito estadual, embora nunca no âmbito federal. Este indivíduo tem experiência estadual, mas está no seu primeiro mandato nacional.

O último tipo, o *outsider 4*, é o indivíduo que foi eleito pela primeira vez em 2018 para a Câmara dos Deputados, mas que já havia sido eleito apenas no âmbito municipal. Então, ele salta do âmbito municipal para o federal, sem passar pelo estadual.

A sequência da carreira política ideal ou esperável é: Vereador, Prefeito, Deputado Estadual, Deputado Federal, Senador e Governador, ou Governador e Senador, e talvez Presidente. Mas esse *cursus honorum*, esse caminho tradicional, dificilmente se verifica na política brasileira.

Aqui temos os dados por tipos. O tipo zero, que é o *insider*, aquele que alguma vez já foi Deputado, é o maior. O que nós esperávamos? Nós esperávamos uma explosão de *outsiders*. Mas, não, aqui se mantém o nível de 50%, como se vê naquele primeiro gráfico, em percentual. E por que isso ocorre? Porque os partidos tradicionais de centro e de esquerda têm as maiores bancadas, que são os indivíduos que se declaram políticos profissionais. Então, Democratas, PT, PSDB e PMDB são os que garantem esta taxa.

Nós estávamos interessados na barra laranja, a do *outsider 1*, que é aquele que nunca disputou uma eleição e foi eleito pela primeira vez agora, em 2018, ou na eleição considerada. Em 2018, houve um pequeno crescimento da barra laranja. Ela, em 2002, era até maior do que em 2018. Então, isso relativiza um pouco esse impacto de 2018, se aceitarmos esta nossa categorização de *outsiders*, que está ainda em processo de

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

elaboração e discussão. É preciso arrumar um nome para esses clusters aí. O *outsider* 4 é o que pula do âmbito municipal para o federal. O *outsider* 3 é o que pula do âmbito estadual para o âmbito federal.

Fizemos o mesmo cálculo para insider e outsiders 1, 2, 3 e 4, por partido, naquela classificação de partidos que vemos lá: centro/esquerda, nova direita, personalista e velha direita. Onde é que está o *outsider* 1? Está nos partidos personalistas e na nova direita. Onde não está o insider? Aqui, no personalista. Então, o *outsider* 1, que é o *outsider* puro, digamos assim, o sujeito, ele ou ela, que nunca disputou uma eleição na vida e entrou na Câmara pela primeira vez em algum ponto do tempo, está nos partidos personalistas principalmente, bem como o *outsider* 4, que é o que pula do âmbito municipal para o âmbito federal diretamente.

Na classificação por ocupação, como esperado, no insider — resíduos padronizados —, há uma hiperconcentração de políticos profissionais, quer dizer, há muito mais casos de políticos profissionais encontrados do que o esperado. No *outsider* 1, há quase o oposto. Os políticos profissionais são esta barra marrom.

(Intervenção fora do microfone.)

O SR. ADRIANO CODATO - Este gráfico é só de 2018. Espere aí, deixe-me lembrar... Não, é de todas as eleições.

Este outro aqui é de 2018 e representa a renovação geracional. Insider é a tese da convergência. Trata-se de popularização? Não exatamente. A profissionalização ocorre num canto do sistema político brasileiro, que são os partidos tradicionais. Então, o desafio agora é compreender os outros tipos de *outsider*, o 2, o 3 e o 4, e essa nova dinâmica da política brasileira, a partir dessa categoria que surgiu das nossas pesquisas.

Basicamente, era isso que eu tinha a apresentar. Nesta análise, estou olhando os indivíduos da classe política brasileira como uma linha numa planilha, não estou identificando os casos que vocês conhecem muito bem — então, isto está completamente, digamos assim, desencarnado da política real —, a partir da classificação ideológica dos partidos, com algum grau de arbitrariedade, ou com muito grau de arbitrariedade, para tentar entender aquilo que parecia indiferenciado. A ideia foi tomar um universo que parecia indiferenciado, que parecia ter tido uma transformação importante apenas em 2018, e analisar os dados, no primeiro momento, dos Deputados eleitos entre 1998 e 2018 e, depois, de todos os candidatos e dos eleitos em cada um daqueles períodos de tempo, em 2002, 2006, 2010, 2014 e 2018, para identificar, a partir dessas duas ou três variáveis simples, tipo de partido, idade e ocupação -- faltou,

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

evidentemente, a variável sexo --, onde podemos verificar o impacto da transformação da classe política brasileira.

Então, é isso.

Muito obrigado pela atenção de vocês. (*Palmas.*)

O SR. COORDENADOR (FABIANO PERUZZO SCHWARTZ) - Prof. Adriano, parabéns pela aula, parabéns pela pesquisa!

Acho que esses dados são muito instigantes, trazem muitas outras curiosidades. Eu sei que a pesquisa está em andamento. Acho que vocês devem estar pensando em muitas outras coisas também.

Vamos abrir um bloco de perguntas.

Gostaria, antes, de tentar sanar uma curiosidade minha, a partir da sua palestra. Não sei se faz parte do escopo da pesquisa a identificação dos principais tipos de capitais políticos que fazem de um político um *outsider*, se vocês estão vendo isso também na linha do tempo, porque certamente esses tipos de capitais políticos devem variar ao longo desses anos eleitorais. Então, eu queria deixar esse primeiro questionamento na sua lista de questões.

Nós vamos abrir espaço para a plateia e fazer blocos de quatro perguntas. As perguntas serão feitas pelo microfone.

(...)

Então, vamos começar pelo Cristiano Ferri Soares de Faria.

O SR. CRISTIANO FERRI SOARES DE FARIA - Bom dia a todos.

Meus parabéns especiais ao Prof. Adriano pela palestra, baseada em números instigantes, que confirma muito dos achismos que nós tínhamos vivenciando a prática no processo legislativo.

Eu queria só fazer dois comentários rápidos. Não sei se há algum colega aqui ou mestrando que participa do programa, que trabalha com dados abertos ou com bases. Agora, vemos como são importantes todos esses detalhes na preparação, na compilação, na organização dos dados.

E é importante também, Prof. Adriano, para o senhor e para sua equipe ter essa aproximação com essas pessoas que fazem os dados e os montam, porque há alguns detalhes aí. Pelo próprio sistema dos anos 80 e 90, nós fizemos muitas bases que não eram conectadas umas às outras. A informação que tínhamos até um tempo atrás era de que só de informações sobre Parlamentares havia mais de 30 bases aqui na Câmara dos Deputados. Houve um projeto de longuíssimo prazo — eu acho que ele já terminou

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

— para homogeneização dessas bases. Então, há alguns detalhes aí que podem afetar a pesquisa. Eu acho que é sempre bom ter essa aproximação. E nós aqui no programa podemos ajudar muito nisso.

Outro ponto: nós ficamos naturalmente instigados a pensar por que, então, surgiu esse estar em evidência ou esse político personalista, esse Parlamentar personalista. Aí, entrando um pouco na análise Qualis, de puro achismo, nós pensamos: é porque agora as redes sociais, digamos assim, diminuem o custo de você ter uma certa visibilidade. Elas são muito focadas nas pessoas. Esse culto à personalidade é muito favorecido por algoritmos de redes sociais, pelo Youtube, pelo Facebook, etc. E isso tem ajudado, contribuído, pelo próprio WhatsApp, para o surgimento desses profissionais. Isso é, obviamente, uma hipótese que eu acho que temos que perseguir como pesquisa. Eu acho que o nosso pessoal tem que trabalhar muito com isso. Por exemplo, tem que entrar nas Qualis, pegar a pesquisa do professor e entrar na análise qualitativa para entender mais esse fenômeno.

Agora, eu também estou muito interessado em saber como esses políticos, então Parlamentares, estão atuando nas Comissões e qual o perfil que eles adotam. Nós vemos casos de colegas falando muito de uma certa espetacularização. Então, o Parlamentar pede para falar sobre um projeto na pauta na Comissão e já faz um vídeo pensando no *turn down for what?* que ele vai fazer, no *thug life*, no meme que ele vai criar. Isso pode e deve estar tendo impacto no processo político. Será que isso é bom ou ruim para as necessidades de consenso, de negociação que temos?

Então, isso quer dizer que quanto mais eu continuar com esse perfil personalista, mais chance eu tenho de continuar sendo eleito, se se mantiver essa tendência? Poderia eu pensar que Parlamentar personalista deixa para lá essa coisa de consenso, de buscar acordo e fazer o trabalho legislativo, o que é importante, porque tem que focar mais em fazer showzinho.

Obviamente, eu estou fazendo aqui uma provocação, fazendo um comentário mais geral tendo em vista... Eu acho que essas são algumas possibilidades que os alunos, os pesquisadores, os professores podem explorar e que me vieram à cabeça rapidamente assistindo à sua brilhante aula.

Obrigado.

O SR. COORDENADOR (FABIANO PERUZZO SCHWARTZ) - O próximo é o Marcelo.

(...)

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

O SR. MARCELO - Bom dia a todos e a todas.

Só quero fazer uma pequena observação em relação à pesquisa do professor, que é interessante. Eu sugeriria, não em função do dia 8, é claro -- isto é muito importante --, que a questão do gênero fosse um item importante na pesquisa.

A outra observação é em relação à questão da Esquerda. Eu acho que há um detalhamento interessante no campo ideológico e prático da Direita, mas acho que mereceria também um escopo maior o campo da Esquerda. Eu não colocaria nem Centro-Esquerda, mas Esquerda, porque Centro é uma coisa e Esquerda é outra, apesar de que hoje em dia essa dicotomia é muito flexível. Eu acho que a Esquerda mereceria um detalhamento maior, como foi feito no campo da velha Direita, da nova Direita, etc.

Eram só essas duas observações, mais nada.

Obrigado.

O SR. COORDENADOR (FABIANO PERUZZO SCHWARTZ) - Tem a palavra o colega lá do fundo.

(Não identificado) - Bom dia.

Professor, hoje o nosso sistema político permite *outsiders* em qualquer nível, municipal, estadual e federal. Podemos ter como candidato a Presidente da República um cantor ou um jogador de futebol que nunca teve experiência política nenhuma.

O senhor falou aqui de um caminho ideal na política, que seria: Vereador, Prefeito, Deputado Estadual, Deputado Federal, Senador, Governador e Presidente da República. Isso não é previsto hoje no nosso modelo. Eu queria que o senhor, uma vez tendo dito isso, comentasse se esse caminho ideal, esperado, seria positivo para o nosso modelo político.

Obrigado.

O SR. COORDENADOR (FABIANO PERUZZO SCHWARTZ) - Tem a palavra o nosso colega que está aqui.

O SR. RODRIGO ARAÚJO - Bom dia.

Meu nome é Rodrigo Araújo.

Gostaria de parabenizar o CEFOR, bem como o professor pela brilhante palestra. E também gostaria de deixar uma sugestão: que o trabalho pudesse contemplar o quesito raça/cor, porque acredito que vai ser uma contribuição pontual para todos, para toda a sociedade.

Professor, queria que o senhor falasse um pouco sobre essa relação entre os outsiders e as redes sociais, esse advento que vivemos. Qual foi a contribuição delas na eleição

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

passada? Não sei se deu para contemplar isso em outros tipos de trabalho ou se, como o trabalho não está fechado, o senhor ainda vai contemplar.

É isso.

O SR. COORDENADOR (FABIANO PERUZZO SCHWARTZ) - Vamos fechar este primeiro bloco com o Júlio.

O SR. JÚLIO ROBERTO DE SOUZA PINTO - Bom dia a todos.

Eu queria também parabenizar o Prof. Adriano.

A minha pergunta realmente não tem muito a ver com o que foi apresentado. Pelo que eu entendo, o seu trabalho focou a presença de outsiders dentro da Câmara dos Deputados, basicamente, não é isso? E isso eu entendo que determinou até a definição de outsiders e aquela categorização. Mas a grande preocupação hoje no mundo é com outsiders na Presidência da República — obviamente, em países presidencialistas — ou na chefia do governo. Eu imagino que, quando nós mudamos de contexto e vamos pensar em outsiders nas chefias de governo, a nossa definição e categorização de outsiders necessariamente deve mudar. A minha pergunta é: você tem pensado em expandir esse seu estudo para as chefias de governo, para a presença de *outsiders* no governo, que é um fenômeno recente, na medida em que parece haver um enfraquecimento dos chamados *gatekeepers*?

Enfim, essa é a minha pergunta.

Obrigado.

O SR. ADRIANO CODATO - Muito obrigado pelas questões. Elas são instigantes e abrem aqui várias possibilidades para recategorizarmos os dados, pensarmos em aprofundamento, em desenvolvimento e também em parcerias — vou falar sobre isso — que eu gostaria de firmar.

Vamos começar pela do Fabiano: quais os tipos de capitais políticos dos *outsiders*. Bom, é aquilo que eu procurei mostrar naquela primeira tentativa de categorização. O capital político do *outsider 4* é municipal, é o recurso municipal. Agora, há muita diferença entre ser Prefeito ou Vereador de cidade grande e de cidade muito pequena. Também teria que ver a carreira e o tipo de cidade. Sobre o *outsider 3*, que é o estadual, teria que ver também que tipo de Estado, porque em São Paulo a competição é muito maior do que em outros Estados. Então, teria que ir descendo, detalhando o dado por tamanho de cidade, por Estado, por partido político, porque ser de um partido grande e prefeito de capital não é exatamente ser outsider. O fato de pular para a Câmara dos Deputados não significa que seja exatamente outsider. Temos que refinar não só a categoria, mas

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

também o dado. O problema, vocês sabem, é organizar mais os lados, limpar os dados, agregar informações.

Basicamente, esse capital político foi definido de maneira muito simples: disputou ou não a eleição, ganhou ou não a eleição, veio ou não e de que nível da política veio. Esta é, por enquanto, a classificação dos capitais políticos: se disputou ou não eleição para a Câmara, se foi eleito pela primeira vez, quando foi eleito, se já havia disputado, se já havia sido tentado ou sido eleito em outro nível.

Quanto à questão do Cristiano sobre a aproximação das bases de dados, sim, aqui temos que achar uma maneira de trabalhar com esses 4 milhões de linhas, agregando mais informação qualitativa. Agora, de fato, por que surge o *outsider*, por que surge o partido personalista, isso ainda não foi uma questão para nós. Quer dizer, o primeiro movimento aqui é limpar o terreno, saber o que está acontecendo, saber se esse fenômeno é novo, qual é o impacto, qual é o tipo de *outsider*, categorizar por partido político, olhar, neste momento, preferencialmente, para essas famílias da Direita e dos personalistas. Então, é uma pesquisa mesmo, primeiro, só com grandes informações, grandes dados. Não há esse tipo de aproximação, tal como eles atuam nas Comissões Parlamentares, como eles fazem nas propagandas -- para ligar com a questão do Rodrigo --, como eles atuam nas redes sociais. Essa é outra frente de pesquisa. É possível agregá-la, mas é preciso também expertise para juntar Twitter mais essa base de candidatos.

Quanto ao Marcelo incluir gênero, é claro, de fato foi um esquecimento de homem branco privilegiado. Não há outra desculpa para dar.

Em relação a separar a esquerda, dá para fazer isso. Como essa pesquisa vinha de uma pesquisa sobre a direita... Sobre o principal partido de esquerda nós publicamos um artigo com o colega Bruno Bolognesi e Luiz Domingos Costa sobre o PT, no *América Latina Hoy*, um periódico da Universidade de Salamanca. O artigo tem o título provocativo de *Partido dos Trabalhadores sem Trabalhadores*, que trata da profissionalização da representação política do PT. Nós já havíamos feito isso em outro trabalho. Mas, sim, é legal, é interessante mesmo fazer a mesma separação para as famílias de esquerda.

(...)

Obrigado. Vamos separar aqui em centro-esquerda e em esquerda, para dar conta disso, principalmente quando trabalhamos com candidatos, porque daí tem o PSTU, tem o PCB, tem o PCO.

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Quanto ao caminho ideal, esse caminho ideal é o caminho teórico. É muito difícil que algum país siga exatamente esse *cursus honorum* do nível municipal para o nível federal. Portanto, não há aqui uma visão normativa que teria de ser assim. O esperável seria que os agentes fossem racionais e as oportunidades fossem bem distribuídas, seria esse o caminho esperável. Mas, como vimos, as pessoas saltam de nível. Às vezes se elegem para a Câmara sem nunca terem inclusive tentado a eleição, que é o tipo 1.

Rodrigo, quanto à raça e à cor, só temos o dado a partir de 2014, mas poderíamos ter usado esse dado, porque daí teríamos 2014, 2016, 2018 e agora 2020. Vamos ter essa série histórica com essa variável. Como a ideia era comparar desde 1994, mas nos frustramos, porque não dava para trabalhar com as planilhas de 1994 e 1998, fizemos desde 2002. Como não tinha dado em 2002, seria uma variável que ficaria faltando em 2, 6 e 10.

Sobre os *outsiders* e as redes sociais, eu respondi. Nós não temos trabalhado com isso, embora eu tenha escrito, com duas estudantes da nossa pós, um trabalho sobre o que a ciência política no mundo está escrevendo sobre políticos profissionais hoje, uma pesquisa sobre artigos e periódicos na base Web of Science. A área de fronteira são justamente campanhas de Twitter e de Facebook.

Estudo de política profissional é este aqui, um estudo bem *old fashion*, bem antigo. Se nós olharmos a literatura mundial, principalmente a literatura em inglês, veremos que se está estudando exatamente isto, campanha em rede social. Através de softwares de análise bibliométrica e cientométrica, nós analisamos uns 5 mil artigos, mais ou menos.

Para o Júlio, que pergunta se a nossa pesquisa pode contemplar uma mudança de foco, do Parlamento para o Executivo ou para o Governo, digo que pode contemplar, se nós tomarmos prefeitos, governadores. Nós teremos bastante dados para analisar.

Agora, para o Executivo, como é uma posição só, seria interessante compararmos com outros países da América Latina, com 17 países da América Latina, para ver se esse movimento de outsiders no Executivo está se verificando no Executivo Federal, na Presidência. Basicamente, é isso.

Há uma coisa de que eu não falei. Seria muito bem-vindo se nós pudéssemos acoplar essas múltiplas bases de dados, que a Câmara foi fazendo e consolidando, à nossa base do TSE, dos 4 milhões, para criar mais variáveis e refinar as nossas categorias.

O SR. COORDENADOR (FABIANO PERUZZO SCHWARTZ) - Nós temos tempo para mais um bloco de quatro perguntas. Falarão a Myrian, o Saulo, o Marcio, o Marcos. Vamos começar pela Myrian.

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

A SRA. MYRIAN VIOLETA CAVALHERO - Bom dia! Bom dia a todos!

Expresso gratidão, Prof. Adriano, pela sua palestra. Adorei! Eu não conseguia tirar os olhos. Fui tomar água com dor na consciência. Muito grata!

Farei uma observação, porque eu não sei se o seu trabalho já lhe permitiu...

Deixe que eu me apresente. Meu nome é Myrian Violeta Cavalhero, eu sou mestranda do CEFOR e sou servidora do Senado há 21 anos.

Não sei se o seu trabalho já lhe permite ver, mas a impressão, pela experiência, é que muitos desses personalistas, na verdade — pelo que eu convivi, dessa Legislatura que chegou agora em 2018 —, muitos desses Senadores não querem ser de partidos, eles não querem fazer parte de um partido. É como se nós víssemos a desideologização do político. Ele não tem mais uma ideologia. Não quer fazer parte de uma. Mas eu não sei se isso é só empírico, de conversar com as pessoas.

Em relação à questão de gênero, que é o que eu estou estudando para minha tese agora e achei uma questão interessante. Eu estou estudando as treze mulheres que participaram do processo do *impeachment* e vi aqui que, por exemplo, a Gleisi Hoffmann, que era mais aguerrida, era uma outsider pura, não tinha passado por nenhum cargo eletivo antes. Então, eu vim olhar as minhas mulheres, as que estou estudando, e pouquíssimas eram insiders. A maioria era outsider; pura não, mas no nível 1 ou 2. E eu já fiquei supercuriosa. Fiquei cutucando a Fran. Falei: “*Fran, como seria, então, nós estudarmos essas mulheres do ponto de vista de suas carreiras políticas e de como se posicionaram no Parlamento?*”

São essas as minhas duas observações: sobre a sua impressão em relação a querer ou não ser de um partido; e sobre essa outra, em relação às mulheres.

Grata!

O SR. COORDENADOR (FABIANO PERUZZO SCHWARTZ) - Com a palavra o Sr. Cristiano Ferri Soares de Faria.

O SR. CRISTIANO FERRI SOARES DE FARIA - Obrigado. Eu também gostaria de cumprimentar o professor. É realmente um trabalho impressionante! Parabéns!

Eu fiquei com a impressão de que, com a quantidade de *outsiders*, quatro classificações e mais um *insider*, a falta de padrão parece que é o padrão. Não sei quanto vocês investigaram sobre o porquê de estar acontecendo isso. Se pegarmos os dados de 2002 a 2018, se não me engano, o outsider que mais cresceu — e este, sim, parece-me impressionante —, é o número 4. Aí se começam a investigar os porquês. Se se começar a ir atrás dos porquês, talvez se deixe de ter uma apresentação sobre *outsiders*, mas sobre

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

por que as coisas estão mudando. Você está mostrando como, e nós estamos pensando no porquê.

Um desses porquês — não sei se você investigou —, o primeiro deles seria o parentesco. Será que no Brasil, diferentemente do que acontece na Europa, continua o sobrenome facilitando a vida da pessoa. Em 2002, não havia tanta rede social quanto em 2018, e em 2002 havia um número de insiders muito alto, de 18%. Talvez a rede social não seja tão... Enfim, tem que se investigar, obviamente, o parentesco.

Outra coisa que chama a atenção é o financiamento de campanha. Por acaso, nós fizemos uma pesquisa recente sobre em quem os bilionários brasileiros apostaram na eleição de 2018.

Chegamos a uma conclusão impressionante: só 36 Deputados foram financiados pelos bilionários. Estou falando de Di Genio, Diniz, etc. Será que há alguma relação também com o dinheiro? A empresa não pode mais financiar, mas, na verdade, o financiamento continua mais ou menos com o mesmo perfil. Esta é a pergunta.

Obrigado.

O SR. MARCIO NUNO RABAT - Bom dia! Meu nome é Marcio Rabat, eu sou da Consultoria Legislativa da Câmara. Eu não queria deixar dar um pequeníssimo depoimento, porque sou um propagandista do CEFOR. Em todos os lugares a que vou, inclusive nas universidades, digo: *“Olhem para o CEFOR, porque é um lugar que ocupará um espaço importante!”* Digo isso porque, em parte, este é um lugar quase privilegiado da ligação entre teoria, prática e política. Quero falar sobre a experiência que eu tive no excelente Departamento de Ciência Política da UFPR, uma coisa que pareceria comum, mas é rara. Eles também são muito abertos para quem está de fora da universidade.

Eu dou o meu depoimento porque morei no Paraná em 2005. Hoje em dia até tenho uma titulação, mas, na época, não tinha nada. O pessoal me chamava para falar nos seminários, colocaram-me no conselho do Observatório. Eu até estranhava. Acho que é uma demonstração importante dessa abertura de um diálogo mais amplo, porque, às vezes, a universidade é um pouco fechada, como às vezes a Câmara também é.

Quanto à pesquisa, primeiro eu gostaria de reforçar a ideia do Cristiano. É importante ver como o trabalho com dados — e isto foi falado pelo próprio Prof. Codato —, levou para os outsiders. O trabalho com uma quantidade muito grande de dados levanta essas questões também. Acho que esse é um ponto importante da pesquisa.

Agora eu gostaria de fazer um comentário. Parece que todos, nesse segundo bloco, foram um pouquinho mais qualitativos, um pouquinho mais, em relação à

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

interpretação dos dados. Ainda bem que os dados de 2002 são tão bons para se usar quanto os posteriores! Se tivéssemos começado a partir de 2006, perderíamos um momento importante, porque 2002 também foi um ano muito diferente, mais diferente do que 2018, o que me surpreendeu um pouco. Parece-me que, neste ponto, abre-se uma brecha para avaliação, a de que, na verdade, o que acontece, quando surgem os outsiders, é que um novo grupo entra na política. Em 2002, coincidiu com a eleição do Presidente do PT, que, até certo ponto, era também... Já não era como teria sido, se o PT tivesse eleito o Presidente antes, mas era também uma eleição contra tudo o que está aí. E em 2018 se repete isso.

Eu acredito que um dos fatores principais dessa profissionalização é que aqueles Deputados do PT que foram entrando em 1994, 1998, etc., eram *outsiders* e deixaram de sê-lo. E, projetando-se para o futuro, é muito provável que alguns dos que entraram nessa nova leva descubram-se realmente políticos habilidosos — porque não é tão fácil reeleger-se —, permaneçam aí e, nas próximas classificações, já surjam como políticos profissionais. Eu queria levantar essa hipótese, perguntar se vocês já tinham pensado nisto, e se a pesquisa irá para essa análise um pouquinho mais qualitativa, sem ser tanto.

E eu acho que os dados das mulheres vão ajudar muito. O João Carlos até conhece melhor do que eu, porque tem trabalhado bastante com dados sobre Deputados Federais, olhando a questão das mulheres. Eu acho que uma das coisas interessantes de 2018 é que as mulheres entraram por esse grupo novo, não tanto pela velha direita, ou melhor, quase nada pela velha direita, e talvez nada pela nova direita também — talvez, neste caso eu não sei. As novas mulheres vieram por esses grupos que são na verdade grupos novos. Acho que a velha direita e a nova direita estavam mais fechadas para esses grupos novos do que esses partidos personalistas. E surgiu um partido totalmente novo, o que, aí sim, precisa ser estudado, o PSL.

Obrigado. Eu também gostei muito da exposição, mas não fiquei surpreso com isso.

O SR. COORDENADOR (FABIANO PERUZZO SCHWARTZ) - Para uma última pergunta, ouviremos o Marcos.

O SR. MARCOS - Bom dia a todos!

Meu nome é Marcos. Eu sou pesquisador do CEFOR e também trabalho na área de Ciência de Dados da Câmara.

A primeira questão é uma questão de método. Por que usar somente a declaração de ocupação e não cruzar os dados com os das carreiras anteriores? Isso pode, de certa

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

forma, prejudicar o resultado da pesquisa. Por exemplo, como o Professor mesmo falou, o Ronaldo Caiado, algumas vezes, mesmo sendo Deputado ou Senador, declarava-se médico. Há vários casos semelhantes. Eu também trabalho com esses dados. Nós vemos muitos desses casos, inclusive casos menos imprecisos, mas, de certa forma, imprecisos. Por exemplo, no TSE, às vezes, eles só colocam “Deputado” e não distinguem se é Deputado Estadual ou Federal.

A segunda questão não é nem uma questão, é uma espécie de convite/oferta, porque, como nós trabalhamos muito próximos da área de dados abertos da Câmara dos Deputados e estamos tentando estruturar o máximo possível os dados, inclusive dados de biografia de Deputados Federais. Na medida em que esses dados vão sendo estruturados, estamos tentando abri-los de forma mais estruturada também, o que vai permitir esse balizamento, como, por exemplo, do dado de ocupação do TSE com o dado de ocupação na Câmara.

Fica registrado o convite para tentarmos estreitar essa parceria, porque também quando a demanda vem de fora fica mais fácil justificar os investimentos na melhoria da estruturação dos dados e na abertura dos dados via dados abertos.

Então, eram essas as minhas duas colocações.

Obrigado.

O SR. ADRIANO CODATO - Bom, a primeira resposta vai ser geral para as dez questões.

Como vocês viram aqui, faltam os porquês. Por que está ocorrendo isso? Por que é assim? Por que é assado?

Nós começamos essa pesquisa em novembro, no dia 19. Esse bancão aí, com 4 milhões, ficou pronto em novembro. A primeira pergunta foi “o que está acontecendo?”

Depois, podemos começar a formular a pergunta “por que está acontecendo assim?” O que está acontecendo? Como está acontecendo? Através de que partidos ou blocos ideológicos? Então, de fato, não tenho nenhuma resposta para os porquês. E o que está acontecendo de uma maneira muito taxonômica mesmo. É uma classificação do mundo natural aqui, é o mesmo interesse que há por formigas e coleópteros; é uma classificação muito ampla, muito no atacado. Essa é a nossa experiência.

Eu até comentava com o Fabiano que eu estou agora na CAPES como Coordenador Adjunto da área. Sobre isso eu queria falar duas coisas. A primeira é no sentido de reforçar que essa coordenação de área tem uma grande abertura para os programas profissionais. Eu mesmo tenho muito interesse em aproximar os programas

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

profissionais dos programas acadêmicos para ter inclusive esse tipo de intercâmbio aqui.

A segunda é no sentido de que, como a CAPES é muito absorvente, eu esqueci que eu era professor também e que eu tinha uma palestra no começo de março.

Aliás, nós iríamos apresentar uma proposta de paper no Encontro da ABCP, em junho, mas os dados estavam tão precários ainda, e eu não diria tão pouco confiáveis, mas tão difíceis de manejar, esses 4 milhões, que não deu nem tempo de fazer um bom resumo expandido para enviar. Então, o que eu estou apresentando aqui para vocês, esse negócio dos *outsiders*, é a primeira vez que apresento. Inclusive, o modelo de *outsiders* também tem que ser... Como eu disse para vocês, nem existe nome ainda para esses tipos. Talvez haja muitos tipos ou talvez cinco tipos. Um insider e quatro outsiders talvez sejam demais, não sei.

Sobre o Senado, respondo que para *outsiders* que não querem fazer parte de partidos o barato deles é esse mesmo. Mas se não passar a candidatura avulsa, que não deve passar, o partido vai ser uma coisa com a qual eles vão ter que se haver.

E sobre o negócio do gênero, de fato, faltou o negócio do gênero. Sim, faltou o negócio do gênero. Marcio, eu acho que também entram mulheres; políticos mais jovens e mulheres entram pelos personalistas. Eu já havia visto isso em algum momento em alguma tabela. Eu sou mais antigo e uso SPSS. Então, eu já tinha rodado, acho que ontem, dados de gênero e tal, os quais não tive tempo de incluir. E tinha visto exatamente isto, que mulheres e políticos mais jovens entram pelos personalistas. Também rodei um dado mês passado que mostrava que a bancada do PT era ou a mais velha ou uma das mais velhas em média de idade, 62 anos, se não me engano, o que é um dado interessante também.

Então, quanto à pergunta do Saulo, sobre por que isso está acontecendo, respondo que é porque a pesquisa agora é taxonômica.

Sobre o parentesco, tenho minhas dúvidas. Acho que não. Mas sobre financiamento de campanha, dá para juntar essa base.

O grande problema, vocês que trabalham com dados sabem, é juntar essas bases — trabalhamos com as bases do TSE —, é juntar bases diferentes em tempos diferentes. Nós temos um trabalho em que estudamos também a junção de bases de financiamento, e base de financiamento só dá para usar a partir de 2002. Candidatos de 2002 a 2014 são 17 mil para Deputado Federal. Para vocês terem uma ideia, quase 3 mil não têm dados de financiamento. Então, é complicado usar dados de financiamento, pensarmos em blocos. Mas vamos ter que usar isso, sim.

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

Por último, responderei ao Marcos sobre classificação de profissões. Concordo, é um problema. Uma coisa interessante, com que poderíamos inclusive trabalhar juntos, juntando bases, é a seguinte: se, quando muda de estágio, o político enobrece a declaração de profissão ou não e se, quando retorna, ele prefere uma profissão mais popular ou uma profissão menos política. Então, seria estudar também essas múltiplas identidades, essas identidades estratégicas, e até o fato de a declaração de profissão ser manipulável, no sentido de *“eu declaro o que eu quiser e em cada eleição eu falo o que eu quiser”*, se essa heterogeneidade ou essa bagunça não podem ser transformadas por nós em um dado de manipulação de identidade estratégica para apresentação eleitoral. Às vezes, não. Às vezes, nem é o candidato que preenche a ficha, é o advogado do partido, que coloca lá o que ele quiser, não sabemos ainda muito bem. De fato, o que é muito difícil é lidar com 250 ocupações por eleição e tentar reduzi-las.

Nós fizemos uma classificação, uma vez, de profissões mais aptas para a política, profissões que permitem mais o exercício da política e menos o exercício da política, para estudar potencialidade de capitais sociais para o exercício da política. Mas, de fato, se nós conseguirmos cruzar as bases da Câmara, as do TSE e entrevistas com os próprios, aí seria muito interessante para vermos isso. Essa também é uma pergunta interessante, para saber se essa variável societal, se essa marcação social, que é a profissão de origem, tem alguma importância, porque às vezes isso não tem importância.

Um pesquisador nosso, que terminou um mestrado, estudou policiais militares nas Assembleias estaduais na última legislatura. A questão dele era saber, em relação ao fato de serem candidatos e representarem as polícias militares — aí ele abriu um pouco para Corpo de Bombeiros, Exército e tal —, se essa identidade profissional implicava uma atuação parlamentar diferente nas Assembleias. E ele viu que não. Ele viu que esses coronéis, majores, cabos, capitães, etc, tinham atuação parlamentar idêntica à do político profissional. Na média dos parlamentos estaduais, a atuação deles, em termos de iniciativas, proposições, conteúdo de proposições, quantidade de atuação, etc., era idêntica à do político profissional.

Então, também é uma questão saber se esse marcador social que é a ocupação de origem faz alguma diferença. Aí, juntar as nossas bases seria legal.

(Não identificado) - Faço uma sugestão em relação a essa questão de marcador profissional. Na própria declaração dos Deputados eleitos aqui na Câmara dos Deputados, alguns declaram ter oito profissões diferentes. Quando se vai olhar a ficha, vê-se que há oito, sete, seis profissões diferentes. A cada momento, obviamente, ele pode

POLÍTICOS OUTSIDERS NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

usar uma das profissões que ele considerar mais viável.

O SR. ADRIANO CODATO - Sim. Nós temos um banco de dados com as três primeiras. Na hora de categorizar, ou nós categorizamos a primeira, ou tentamos descobrir qual é a mais importante para aquele indivíduo. Só dá para trabalhar com um “n” pequeno.

Quanto a esse negócio de ocupação de origem, a primeira pergunta é saber se isso importa. A segunda pergunta é se é legal entender o quão importa e saber a possibilidade de manipular isso estrategicamente, como uma apresentação de si nas eleições, para depois se trabalhar com esses grandes agregados estatísticos da profissão declarada e transformar as 250 em 5 ou 6, porque senão, como o Fabiano sabe, não dá estatisticamente nada significativa.

O SR. COORDENADOR (FABIANO PERUZZO SCHWARTZ) - O nosso tempo se esgotou, cravado ao meio-dia.

Prof. Adriano, mais uma vez, eu queria lhe agradecer a gentileza de ter vindo de tão longe e nos brindado com a sua aula. Essa pesquisa é muito interessante. Acho que isso ficou evidente nas perguntas de todos. O interesse foi notório. E é claro que vamos fazer muitas parcerias, não tenha dúvida. O CEFOR está aberto, a Câmara está aberta para criarmos uma aproximação e elucidarmos tantas questões que estão para ser respondidas. Muito obrigado!

Obrigado pela presença a todos também. Eu queria expressar o nosso reconhecimento a esse esforço do Prof. Adriano de ter vindo aqui e compartilhado conosco esse conhecimento.

Aqui está o nosso certificado de participação, professor. Muito obrigado mesmo!

O SR. ADRIANO CODATO - Obrigado pela oportunidade. Para mim, foi muito melhor do que para vocês, com certeza absoluta.

O SR. COORDENADOR (FABIANO PERUZZO SCHWARTZ) - Até uma próxima oportunidade.

Então, está encerrada aqui a nossa aula de abertura.

Muito obrigado. *(Palmas.)*

Diagramação/captação e edição do vídeo que deu origem ao texto: COEAD/CEFOR
Transcrição e edição: Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação.